

PINGUE PONGUE



Dania Neumann

Austríaca de nascimento apaixonou-se por Portugal porque gosta de lugares bucólicos, vai para 14 anos. Aqui se fixou e é em Cascais que desenvolve a sua actividade de dançoterapeuta. Através da análise do movimento e da dançoterapia pretende curar ou aliviar certas maleitas bem características do nosso tempo, como o *stress* e as depressões, ou males de sempre, como o autismo, a esquizofrenia ou as neuroses. Com uma formação no âmbito das letras, Dania optou mais tarde por tirar vários cursos em que a expressão corporal desempenha um papel fundamental.

DN-José Carlos Carvalho

Cura psíquica pode estar no movimento

Iniciou os seus estudos em línguas, porque mudou?

Estudei essencialmente literatura, mas a dada altura necessitei de ter um contraponto em que entrasse movimento. Tive de escolher algo que complementasse a literatura. Procurei sempre uma forma de movimento diferente da dança de estilo. Não gostava da rigidez dessas disciplinas. Gosto de algo que venha do interior para o exterior, em que se transmita muita expressão, criatividade e espiritualidade. É uma filosofia de vida, em vez de uma técnica.

Qual foi o pontapé de saída?

Foi o *buthô*, uma dança japonesa em que a expressão corporal tem um grande papel. Comecei a fazer *workshops* na Áustria, depois de assistir a um espectáculo.

O que é a dançoterapia?

A dançoterapia começou nos anos 40, nos Estados Unidos. Pessoas que vinham da dança começaram a trabalhar e a dar assistência em hospitais psiquiátricos. Criavam formas de comunicação com essas pessoas. Faltava, no entanto, uma teoria, uma avaliação crítica do método.

Foi então que nasceu a análise dos movimentos?

Sim. A análise dos movimentos é a observação do movimento de uma pessoa para se concluir a imagem que tem do próprio corpo. Tem a ver com novas teorias psicanalíticas que estudam as interações dos bebés com o meio ambiente que os rodeia. Observavam-se sobretudo as respostas aos estímulos exteriores da parte

motora. São exactamente os estímulos que trabalhamos. Tentamos dar à pessoa movimentos que não consegue lembrar.

A partir daí começa o trabalho?

Tenta-se integrar movimentos esquecidos. É preciso estimular a pessoa e interagir com ela, é necessário abrir os conhecimentos para chegar ao movimento puro. Quanto maior a distância entre movimento e pensamento, mais possibilidade há de existirem doenças.

Que diferenças há para as terapias convencionais?

Há doenças que nunca se curam com medicamentos, mas há casos em que são mesmo necessários. Há complementaridade.

Vanda Lopes